

51  
DEPÓSITO LEGAL  
MAR 1942

# MUNDO GRÁFICO



Laranjas  
da  
China  
o mais lindo  
pregão  
das ruas  
de  
Lisboa



## OS FUZILEIROS AMERICANOS

arrancam as ilhas de SALOMÃO aos japoneses

por H. L. MERILLAT

2.º tenente do corpo de Fuzileiros Navais

**E**M 7 de Agosto de 1942, o maior contingente de fuzileiros americanos até agora empenhado em operações de desembarque, atacou Guadalcanal, Tulagi e Gavatu, importantes bases japonesas nas ilhas de Salomão. O ataque marcou a primeira ofensiva realizada na guerra presente por forças americanas de terra.

Estas ilhas, com enseadas que abrigavam hidroaviões japoneses e com o vasto campo de aviação construído apressadamente pelo inimigo para servir de bases a futuras aventuras no Pacífico, passaram para a posse das forças de terra, ar e mar das Nações Unidas. As operações para repelir e expulsar os japoneses iniciaram-se com energia. Ao amanhecer do dia 7, subia ao convés superior do meu navio transporte. O tempo estava favorável. Nuvens baixas e neblina tinham encoberto durante todo o dia anterior a nossa aproximação das ilhas de Salomão.

Cedo, começou-se a ouvir o estúpido dos canhões e uma salva de granadas atingia em cheio o inimigo. Aos japoneses que guarneciam Guadalcanal e Tulagi a impressão deve ter sido a de que se encontravam num verdadeiro inferno. Uma após outra, as bombas explodiam no meio deles. Aviões da marinha despejavam cargas de explosivos e varriam o solo com as metralhadoras. Ao norte, a quinze milhas de distância, navios e aviões navais bombardeavam Tulagi da mesma maneira devastadora. Veio, então, a ordem de arrear as lanchas. As novas rampas de desembarque e as barcas de transporte para tanks iam ter a sua primeira prova de combate. Tratores anfíbios, com abundante material de engenharia, iniciaram a corrida rumorosa para a praia, com o fim de estarem preparados quando os escaletes de desembarque mais velozes tocassem a areia. À hora «H» a primeira vaga de fuzileiros desembarcava em Tulagi. Ouvia-se o troar dos canhões dos destroyers vomitando granadas de alto poder explosivo contra as instalações de terra. Cessou depois o fogo de barragem, os fuzileiros desembarcaram e a pequena ilha dos mares do sul tornou-se o campo de batalha da primeira ofensiva americana desta guerra.

Os barcos de abordagem tinham-se reunido para o assalto a Guadalcanal. Com a bandeira desfraldada, recebiam a sua carga de fuzileiros

(Continua na página 29)



A FABRICA

## HERPETOL

PARA DOENÇAS DA PELE

UMA GOTTA DE HERPETOL e o seu desejo de coçar passou. A comichão desaparece como por encanto. A irritação é dominada, a pele é refrescada e aliviada. Os alívios começaram. Medicamento por excelência para todos os casos de eczema húmido ou seco, crostas, espinhas, as erupções ou ardência na pele.

À venda em todas as farmácias e drograrias

Vicente Ribeiro & Carvalho  
da Fonseca, Limitada

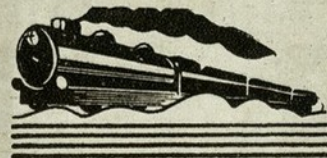
RUA DA PRATA, 237  
LISBOA



Seja prático e económico

VIAJE NA

C. P.



Informações — em todas as estações da C. P.

— em Lisboa — no Serv. do Tráfego — Telef. 2 4031

— no Porto — na estação de S. Bento — Telef. 1722



# REFLEXOS DO MUNDO

## No Mediterrâneo

No Mediterrâneo, perto de Malta, uma esquadilha de bombardeiros-torpedeiros avistou um comboio italiano protegido por destroyers que evoluçavam à volta dos navios para os livrarem de qualquer encontro.

Um dos aviões lançou-se contra um «mercante». Um contra-torpedeiro porém, acorreu para o salvar. O avião lança o seu mortífero engenho mas o destroyer que se atravessou, na trajetória, foi atingido e afundado.

Condenou-se a si próprio, antecipando, porém, a sua hora. No Mediterrâneo, a destruição das esquadras mercante e de guerra italianas continua num ritmo acelerado.



O sorriso da vitória. Um dos comandantes das esquadilhas de «Stirlings» que bombardearam recentemente Berlim

## O 61.º aniversário de Roosevelt

O Presidente Roosevelt celebrou o seu 61.º aniversário a milhares de metros de altitude, no avião estratosférico que o transportou a Casablanca e no qual regressou a Washington.

Os companheiros de viagem do ilustre Presidente compraram os presentes de aniversário na ilha da Trindade e ofereceram-lhos quando sobrevoavam o

Haiti. Não se esqueceram mesmo o bolo de anos, com seis velas em volta e uma ao centro.

Os americanos celebraram também o aniversário de Roosevelt, com particular entusiasmo, intensificando mormente a campanha contra a paralisia infantil que tanto o atormentou, e que só a sua energia indomável e extraordinária força de vontade têm conseguido superar.

Mrs. Roosevelt agradeceu, num discurso radiodifundido, a toda a nação os numerosos testemunhos de gratidão que seu marido recebeu, uma vez que ele o não podia fazer.

## Uma coroa de flores

Na foz do Rio Sebou está Port-Lyautey com seu velho e ainda poderoso forte marroquino. Em 7 de Novembro tinha uma guarnição de 400 soldados franceses.

Esses homens foram informados nesse dia, pelo seu comandante, da iminência do desembarque americano. A notícia provocou extraordinário entusiasmo. As aclamações estrugiram vibrantes, mas depois transformaram-se numa decepção ao ter-se conhecimento da ordem de resistência.

Durante três dias esses soldados, por obediência a essas ordens, lutaram contra os amigos a quem queriam estender a mão e que representam a libertação do seu país.

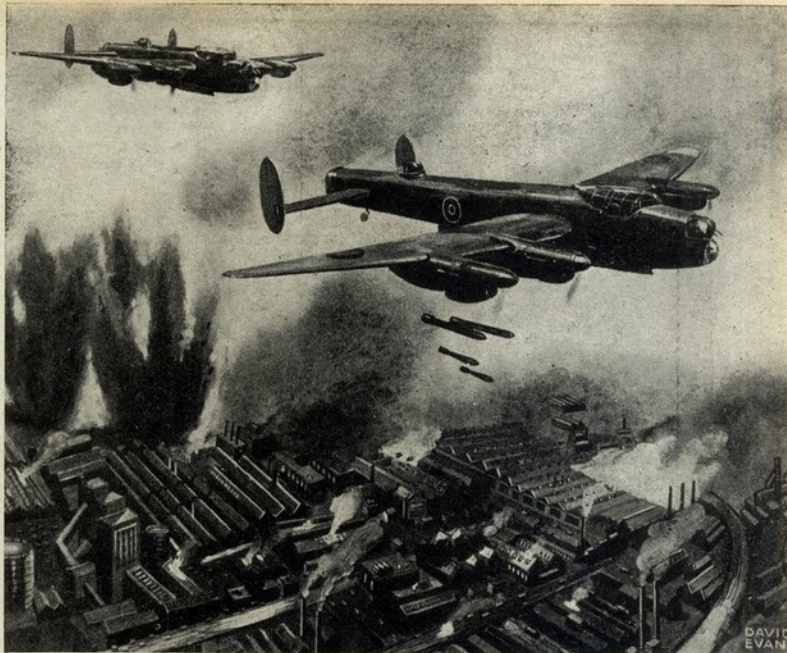
Dum lado e outro alguns tombaram. Jazem todos no mesmo cemitério, dando-se as mãos na morte já que em vida, por um erro fatal, lhes não foi permitido.

Sobre os seus túmulos — dos franceses e americanos — depois, agora, o Presidente Roosevelt uma coroa de flores.

## Bandeiras gloriosas

Dois pilotos belgas sobrevoaram a Bélgica e sobre a capital do seu nobre país lançaram a bandeira que o simboliza.

Já no mês passado — no dia do armistício da França — um piloto da R. A. F. lançou uma bandeira tricolor sobre o túmulo



DAVID EVANS

do soldado desconhecido, no Arco do Triunfo, em Paris.

São traços de união entre os que combatem fora dos territórios ocupados e os que dentro deles sofrem todos os dramas da invasão. Essas bandeiras, descendo do céu, e flutuando nas asas do vento, consideram-se mensagens de esperança. Os olhos das populações ocupadas devem comover-se ao vê-las, porque elas são, afinal, símbolo da resistência e da vitória.

## A batuta do mestre

O grande maestro inglês dr. Malcolm Sargent, que deu em Lisboa e no Porto, com o concurso da Emissora Nacional, vários concertos, interpretando os mais notáveis compositores ingleses, num gesto de expressiva deferência ofereceu a sua batuta à capital do Norte, dedicando-a ao sr. dr. António Joyce, fundador do Orfeão de Coimbra, e seu director.



Há tempo para tudo, mesmo em plena batalha. Até para arranjar os relógios dos camaradas

## BERLIM SOB O FOGO DA R. A. F.

Numerosas esquadilhas inglesas de «Lancasters» e «Halifaxes» bombardeiam a capital alemã, visando especialmente as fábricas Daimler-Benz, que ficaram em chamas

cando-a ao sr. dr. António Joyce, fundador do Orfeão de Coimbra, e seu director.

Trata-se duma penhorante gentileza cujo significado é escusado encarecer. As recordações artísticas que Malcolm Sargent deixou entre nós são uma das páginas mais brilhantes da história da música dois dos países.

## Agora não há pianos

O fabrico americano de pianos está integrado na indústria de guerra. A produção de pianos cessou completamente e os seus fabricantes aderiram ao esforço belico aceitando contractos para a construção de peças de madeira para aviões, hélices, caixas para acessórios, armários e suportes para espingardas.

Os fabricantes de lapiseiras dos Estados Unidos adaptaram igualmente as suas fábricas ao trabalho de guerra. A indústria recebeu mais de 20 milhões de dólares de contractos para a produção de espolétes, equipamento eléctrico de diversa espécie e chaves de parafusos automáticas.

## Cartas levam-as o vento

A propósito duma reportagem que publicámos antes de o meio deste antes com o título:



A silhueta vigorosa de um soldado inglês

Cartas leva-as o vento na qual se punha em destaque a actividade do pessoal dos correios, que nos merece a mais sincera simpatia, tomámos conhecimento no dia 7 de Fevereiro duma informação, onde se diz que, nem todos os cartões de boas-festas com palavras a mais foram multados.

Ainda bem! Esperamos que, para o ano, a indulgência seja maior.

## «MUNDO GRÁFICO»

As capas para as encadernações da nossa Revista devem ser solicitadas na Casa Paulino Ferreira — R. Nova da Trindade, 18-A a 18-D — LISBOA





...aqui  
**AMERICA**

**Emissões dos ESTADOS UNIDOS**

EM LINGUA PORTUGUESA

(Recorte esta Tabela para referência futura)

Horas	Estações	Ondas curtas	
5,15	WEBX	31,1 m.	9,650 kc/s.
7,45	WRUW	49,6 m.	6,040 kc/s.
9,45	WBOS	48,8 m.	6,140 kc/s.
11,45	WBOS	25,3 m.	11,870 kc/s.
15,45	WBOS	19,7 m.	15,210 kc/s.
15,45	WGEA	25,3 m.	11,847 kc/s.
17,45	WGEA	25,3 m.	11,847 kc/s.
19,45	WGEO	31,5 m.	9,530 kc/s.
20,45	WGEO	31,5 m.	9,530 kc/s.
23,15	WDJ	39,7 m.	7,565 kc/s.

EMISSIONES DIARIAS

**OIÇA a VOZ da**  
**AMÉRICA em MARCHA**



# ESTRANHA EXPERIENCIA COM PÓ DE ARROZ

que causa a admiração de 10.000 senhoras



PROVA formal de que pode ser mais bonita

Faça esta EXPERIENCIA Hoje

Uma descoberta recente e extraordinária na preparação do pó de arroz... Um novo ingrediente maravilhoso que embeleza a pele dando-lhe nova frescura e encanto. Torna as peles, cansadas e sem viço, novamente aderentes, mesmo debaixo de chuva e vento e a despeito da transpiração. Acaba com o brilho do nariz. Este ingrediente, registado, chama-se Mousse de Crème». Só existe no pó de arroz Tokalon.

Uma oferta verdadeiramente sensacional

Aplice numa das faces o Pó Tokalon, contendo «Mousse de Crème», e na outra um pó de arroz vulgar. Se a face empoada com a «Mousse de Crème» não parecer mais fresca, mais jovem e mais linda do que a outra, devolver-lhe-emos integralmente o custo do seu Pó de Arroz Tokalon.

GRATUITO — A todas as leitoras deste jornal será fornecida uma colecção de produtos de beleza, incluindo duas bisnagas de Creme (Rosa e Branco) e Pó de Arroz Tokalon nos diversos tons existentes. Mande 4\$00 em selos, para as despesas do correio, embalagens e outras, a Jules Deligant, L.<sup>da</sup>, Serviço 2-C, Rua da Assunção, 88 — Lisboa.

## “MUNDO GRÁFICO”

Por lapso não publicámos, no último exemplar da nossa revista, o número e a data, do que pedimos desculpa aos nossos prezados leitores.

Para os devidos efeitos, aqui fica a referência: o n.º 56, de 30 de Janeiro de 1943, tem na capa a seguinte legenda: **Tipos característicos desta velha Lisboa numa das suas ruas mais pitorescas; e na contra capa: Um bravo piloto canadiano com a sua mascote Indiana que o acompanhou num gigantesco raid a Berlim.**

## Uma viagem triunfal

# A conferência de Casablanca

DURANTE cerca dum mês, o Primeiro ministro de Gran Bretanha esteve ausente do seu país. Durante quatro semanas, incansavelmente Churchill deslocou-se a vários teatros de operações e a vários centros de actividade diplomática ao serviço da causa das Nações Unidas. A imprensa de todo o mundo, e não apenas a imprensa britânica, põe justamente em relevo o espírito de sacrificio revelado por este homem extraordinário que, com sessenta e oito anos, se decide a afrontar todos os riscos e a correr todos os perigos para satisfazer um ideal superior que interessa à humanidade inteira.

O Primeiro ministro percorreu, dezasseis mil quilómetros numa viagem triunfal e proveitosa. E' cedo ainda para avaliar, em toda a sua extensão, os resul-



Os generais De Gaulle e Giraud encontram-se em Casablanca. Sentado, o grande Presidente Roosevelt

tados completos que dela advieram. Alguns, porém, já se vão tornando conhecidos.

O próprio decurso da guerra irá revelando os outros.

De Londres a Casablanca, de Casablanca ao Cairo, do Cairo a Adana, de Adana novamente ao Cairo e seguir a Chipre a Trípoli, e finalmente a Argel, eis as etapas principais que o chefe do governo inglês percorreu incansavelmente por toda a parte se assinalando a sua passagem.

A conferência de Casablanca, que se prolongou durante dez dias, de 14 a 24 de Janeiro, marcou o ponto culminante dessa viagem. O comunicado oficial que foi publicado em seguida à sua realização e as declarações feitas pelo presidente dos Estados Unidos e pelo Primeiro ministro da Gran Bretanha falam, com suficiente clareza, da sua importância e da sua significação.

«Foi passado em revista o conjunto de guerra em todo o mundo, teatro por teatro, juntando-se os factos e organizando-se os recursos para o seu prosseguimento intensivo no mar, na terra e no ar.

Nada que se assemelhe a uma discussão tão prolongada entre dois aliados teve já mais lugar.

Chegou-se a acórdio completo entre os dirigentes dos dois países e os seus respectivos Estados maiores sobre os planos de guerra e os empreendimentos a realizar durante este ano contra a Alemanha, a Itália e o Japão, a fim de tirar todas as vantagens do desenrolar favorável dos acontecimentos que se notou acentuadamente no final de 1942.

Assim aparece completamente definido um plano de acção comum. Sob o ponto de vista político a conferência de Casablanca, afirmou, de maneira inequívoca, a solidariedade total anglo-americana. Sob o ponto de vista militar realizou a unificação de estratégia dos dois grandes países e preparou, em todas as modalidades, (comando, efectivo, armamento, equipamento etc.) a sua aplicação imediata. Sob o ponto de vista da preparação do futuro proclamou o principio da rendição incondicional do inimigo como única base para entabular eventualmente negociações de paz.

Estes principios basilares ajudarão a compreender a evolução dos acontecimentos que se preparam. «A guerra, com a vossa vitória entrou numa nova fase». Esta verdade luminosa que o sr. Churchill afirmou perante o mundo discursando aos soldados gloriosos de Trípoli condiciona a próxima successão dos factos. E, efectivamente, de uma nova fase de guerra que se trata. Em Casablanca firmaram-se os pilares indestrutíveis em que esses factos devem assentar. Não será fácil divisar o seu curso. Quando regressou a Londres o Primeiro ministro de Gran Bretanha revelava um optimismo que perfeitamente se justifica.

Esse optimismo é a compensação bem merecida de tantas horas de dôr e de sacrificio.

# COMPANHIA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO

Para **FILADELFIA**  
**Um VAPOR**

*A sair na segunda quinzena de Fevereiro*

RECEBE CARGA  
E PASSAGEIROS



T R A T A - S E

EM LISBOA: — Rua do Comércio, 85 — Telef. 23021 a 23026  
NO PORTO: — Rua Infante D. Henrique, 73 — Telefone 1434





**ALMIRANTE BARRY** ★

**O** almirante Claude Barry é uma das personalidades mais discutidas e justamente admiradas da Inglaterra do nosso tempo. As acções recentes dos submarinos britânicos nos vários teatros de operações vieram pôr em relevo, mais uma vez, a importância desta arma.

O actual chefe dos submarinos ingleses é o almirante Barry.

O seu nome é familiar ao espirito dos ingleses de todas as classes e condições.

O almirante Barry estava já ao serviço da Armada quando da última guerra e prestou, nessa altura, assinalados serviços.

Depois de feita a paz especializou-se em submarinos, arma a que passou a dedicar toda a sua inteligência e todo o seu interesse. Durante vinte cinco anos fez, sob o ponto de vista profissional, uma carreira brilhante tendo percorrido, com a maior distinção, os vários postos da hierarquia naval.

Em 1929 foi escolhido para desempenhar as funções delicadas de adjunto do Segundo Lord do Almirantado. Em 1940 comandava o «Vallant» em serviço no Mediterrâneo, depois de ter comandado o «Queen Elisabeth».

De julho a outubro de 1942 dirigiu os serviços administrativos da esquadra do Mediterrâneo oriental tendo prestado, durante esse período, os mais relevantes serviços.

Em novembro desse ano sucedeu ao seu camarada Horton como chefe dos serviços de submarinos.

Os resultados da sua acção estão a fazer-se sentir, de maneira inteiramente satisfatória, o que só serve para confirmar a reputação de que já gozava o almirante Barry.

## CRÓNICA INTERNACIONAL

# O ENCONTRO DE ADANA

**P**RÓXIMO da cidade de Adana, junto à fronteira da Síria, o Primeiro Ministro da Gran-Bretanha e o Presidente da República turca tiveram um largo e cordial encontro. Com êsse encontro coincidiram as conversações, igualmente demoradas, entre peritos diplomáticos e militares dos dois países. Um comunicado oficial, eloquente na sua simplicidade, deu conta do que no encontro e nas conversações se passou. Deve dizer-se que, legitimamente, êste acontecimento teve, em todo o Mundo, a maior e a mais legítima repercussão. Por toda a parte se compreendeu o alcance excepcional do que se passou em Adana. Moscow foi completamente informada do que se passava e deu o seu acôrdo. A amizade anglo-turca não é recente. O facto de os dois países se terem batido em campos opostos durante a última conflagração não podia invalidar nem a natureza nem o sentido dessa amizade. Por isso a assinatura do pacto anglo-franco-turco, de Outubro de 1939, não causou a mais ligeira surpresa. Depois da derrota da França, tanto a Gran-Bretanha como a Turquia reafirmaram, de maneira solene, o seu desejo de cumprirem integralmente os compromissos que haviam assumido. A promessa feita, nesse verão incerto de 1940, foi fielmente cumprida. Ninguém ignora as dificuldades de toda a ordem que essa decisão implicava. Mas a sua gravidade não fez hesitar, um momento sequer, os dirigentes responsáveis que a assumiram com a consciência plena de que obedeciam assim a um imperativo do interesse nacional.

Os tempos passaram e as circunstâncias mudaram. Mas, através de tudo, a fidelidade da Turquia aos compromissos que voluntariamente havia assumido ficou como um dos episódios mais notáveis da história dos últimos tempos. De que se tratou, efectivamente, em Adana? A defesa da Turquia foi um dos objectivos essenciais. Para o demonstrar basta recordar os nomes e a função das personalidades que a elas assistiram.

No quadro tradicional da amizade anglo-turca o que acaba de se passar não representa uma inovação e muito menos uma novidade. O que deu então ao encontro de Adana o seu caracter sensacional? A confirmação que êle veio trazer à posição, incontestavelmente vantajosa, que as Nações Unidas, de uma forma geral, e de maneira especial a Gran-Bretanha alcançaram desde que se iniciou, no outono do ano passado, a sua ofensiva geral. Em Outubro iniciou-se a batalha de África pela rotura da frente italo-alemã, em El Alamein; em Novembro deram-se, a curta distância um do outro, dois factos de importância capital, o desembarque dos americanos no Norte de África e o início da campanha de inverno na Rússia. Estes factos aparecem encadeados naturalmente e visam a realização de um objectivo comum: a vitória no campo de batalha.

Esta vitória não depende, fundamentalmente, da Turquia. Mas a neutralidade dêste país, posição assumida de direito e de facto, corresponde ao interesse nacional e é um factor importante que não pode ser ignorada nem tido em menos conta no conjunto da situação internacional.

As declarações públicas feitas pelo Primeiro Ministro da Gran-Bretanha no seu regresso ao Cairo, depois de realizado o encontro de Adana, dominaram, de maneira categorica, a visão optimista que dos seus resultados foi apresentada desde a primeira hora. Encontramo-nos perante um acontecimento de grandes consequências não apenas para a conclusão vitoriosa da guerra, mas também como no comunicado se acentua, para a realização da paz.

○ OBSERVADOR

## O sinal V

*Churchill é, talvez, o homem mais extraordinário do nosso século. Em 1940 foi a sua tenacidade que deteve os alemães no Pas de Calais; agora são os canhões que mandou forjar que varrem da África o exército italo-alemão, que se factava de conquistar o Cairo. Em vez do Cairo foi Tripoli, onde agora Churchill passou revista às tropas triunfantes de Montgomery. Churchill como que descobriu o segredo da juventude. Não é apenas o homem de palavra veemente, duma tão clara luminosidade ática, é também o homem de acção, o combatente destemido, o lidimo herói que visitou diversos teatros de guerra, e atravessou a Europa, sem qualquer receio do inimigo. Um verdadeiro simbolo da leonina energia inglesa. E, por toda a parte, Churchill num anúncio do que há-de vir, fez o sinal V.*

## Os factos

Na Rússia, os alemães, depois do ataque russo, que prossegue, voltaram em quasi toda a parte, às posições donde o ano passado iniciaram a sua ofensiva. Esta, em relação a 1942, foi de precários resultados considerando não, apenas, o território ocupado, mas ainda o desastre total do exército de Paulus — 330 mil homens dizimados ou prisioneiros, centenas de veículos, aviões, tanks apreendidos, etc.

No Caucaso, os alemães não conseguiram chegar a Tiflis, nem a Baku, e agora, são acossados, abandonando na mão dos russos, já na mar de Azov, todas as cidades daquela região. Ao norte, o cerco de Leninegrado foi quebrado pelas tropas soviéticas.

Não é preciso fazer comentários; os factos bastam!

## Fortalezas voadoras

As forças aéreas norte-americanas iniciaram uma formidável ofensiva sobre as cidades italianas da Sardenha, concentrando os seus ataques sobre a base aérea de Cagliari.

Conquistado pelos heróicos soldados de Montgomery o que restava em África do Império italiano, as forças aéreas norte-americanas e inglesas dominam agora, com uma superioridade esmagadora, o Mediterrâneo e o Sul da Europa. E isto é tudo quanto as Nações precisam para o assalto decisivo ao continente. A cobertura aérea mais formidável de todos os tempos levará os exércitos anglo-americanos ao coração da Europa.

## MUNDO GRÁFICO

REVISTA QUINZENAL

Director: **ARTUR PORTELA**

Editor: **ROCHA RAMOS**

Propriedade de Mundo Gráfico, L.<sup>a</sup>

Redacção e Administração: **Rua das Gáveas, 6-2.º / Lisboa / Telefone 25240**

Composição e Impressão: Neogravura, Ld.<sup>a</sup>, Travessa de Oliveira, 4 e 10 — Lisboa

PAGINAÇÃO DE ROMEU MARQUES CARDOSO

Preço 1950

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA





As tropas imperiais inglesas, comandadas pelo glorioso general Wavell, que têm defendido a Índia dos assaltos japoneses e que se internaram, vitoriosamente, na Birmânia

## A ÍNDIA É A CHAVE DA ESTRATÉGIA DAS NAÇÕES UNIDAS

**Q**UANTAS pessoas, entre as que seguem interessadamente os comunicados de guerra nos jornais, se deram conta da importância efectiva que tem na realização da estratégia comum das Nações Unidas a frente da Índia? Quando muito, perante a sua leitura, recheada duma nomenclatura exótica, reflectirão alguns que não foi, decerto, por acaso, que a Gran Bretanha enviou para aquelas paragens o seu chefe militar que, por actos de guerra, mais alta viu cotada a sua reputação desde que a luta se iniciou. E que não foi, também, certamente por acaso, que o



Admiráveis, estes soldados ingleses que não conhecem obstáculos e cujo optimismo e audácia vencem tôdas as batalhas





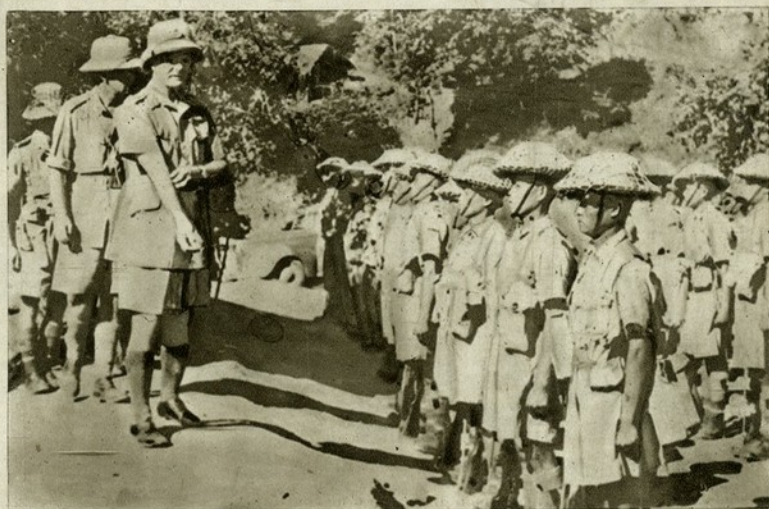
O grande Wavell está em toda a parte. A sua chegada ao campo de batalha, num poderoso avião, tão fulgurante como o seu gênio militar

Govêrno de Londres recompensou recentemente a sua acção promovendo-o ao posto de marechal, distinção raras vezes concedida na Inglaterra.

A História dirá um dia a importância decisiva de que a acção pessoal do marechal Wavell se revestiu no decurso desta guerra.

Quando a Gran-Bretanha, isolada, se defrontava contra o poder reunido das potências do "Eixo", coube-lhe a glória imperecível de ter infligido a essas potências a primeira derrota militar de que não mais se recompuzeram.

Depois de ter parado os anunciados golpes do adversário no Próximo Oriente e nas regiões sob contrôle britânico, limitrofes do Caucaso, o marechal Wavell foi



Wavell, o general vitorioso, comanda, além das tropas britânicas, um milhão de soldados indianos

encarregado de reorganizar o exército da Índia e de deter a ameaça japonesa.

A Índia tornou-se uma posição chave no quadro geral da situação militar. Melhor que ninguém esse facto é conhecido do marechal Wavell que durante a última conflagração serviu como oficial de ligação entre ingleses e russos. No dia em que a estrada que, através da Birmânia, leva a Xung-King fôr reaberta à vaga dos fornecimentos de material, os soldados de Chang-Kai-Chek assumirão um papel de primacial importância na luta contra o inimigo comum.

Ora o concurso da China é considerado indispensável em tôdas as Nações Unidas não apenas para apressar a liquidação total da guerra mas para intervir activamente na solução dos problemas essenciais da paz. Tanto como a sua solidariedade moral e a sua actividade militar, a sua colaboração política é um factor indispensável à reconstrução do Mundo. O marechal Wavell que é um sincero amigo da China e um admirador incondicional da bravura dos seus soldados, iniciou uma ofensiva, com êxito, para auxiliar aquêle país. Tem tôdas as probabilidades de o conseguir. E esse não ficará sendo, certamente, um dos menores títulos que conquistou à admiração do Mundo inteiro.

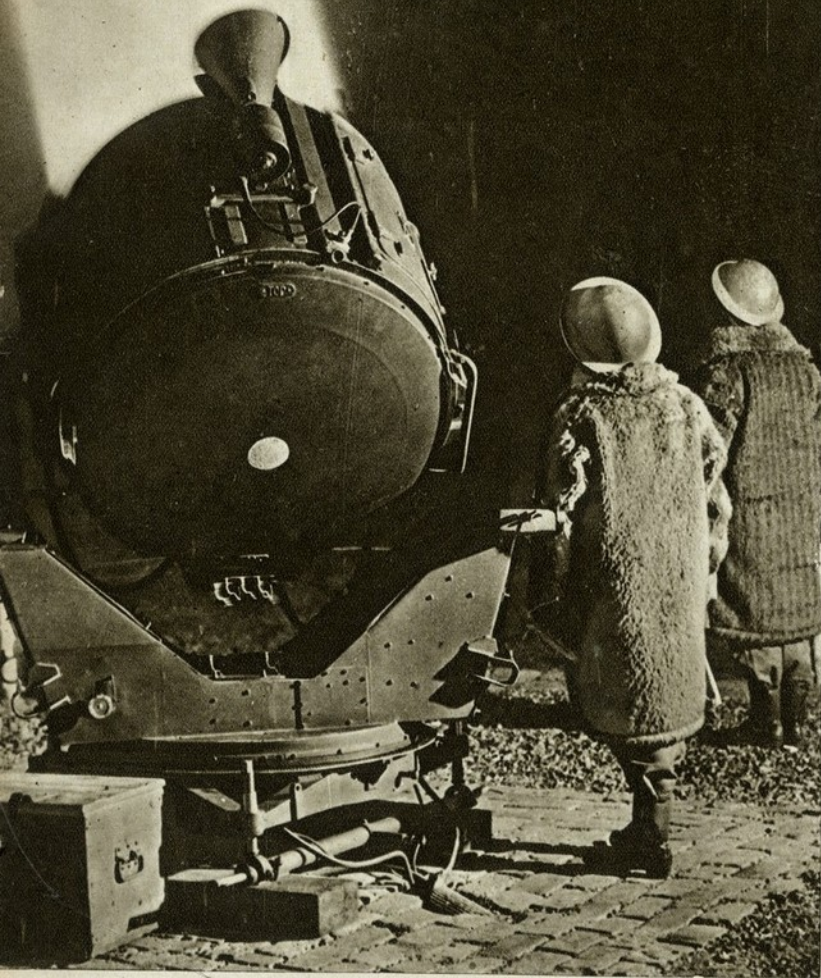


Os soldados ingleses que se encontram na Pérsia, bem como os da Síria e do Irak constituem uma poderosa reserva para um possível ataque aos Balcãs

O Exercício cheio de realismo



# ALERTA!



No seu posto de observação, equipada para o frio e cujos olhos são tão belos como as estrelas longínquas que ela fita

A MULHER INGLESA PARTICIPA DIRECTAMENTE NA GUERRA, NAS FÁBRICAS, NOS SERVIÇOS AUXILIARES DAS FORÇAS ARMADAS E DE SAÚDE. UM POSTO DE DEFESA ANTI-AEREA, CUJO HOLOFOTE VARRE OS CEUS, DONDE O INIMIGO FOI REPELIDO



BRAVO, RAPARIGAS DA INGLATERRA! EI-LAS NA PRIMEIRA LINHA DE FOGO. O INIMIGO NÃO PASSA





*Robertson descreve a Fernando Pessa, na emissão das 21 horas, um dos seus combates vitoriosos*

*Uma das guitarras de oito que ouvimos nos programas da B. B. C. O oficial aviador George Robertson, da R. A. F., sabe tocá-la lindamente*

## UMA GUITARRA NA B.B.C.

Sou guitarra e portuguesa,  
Sou fadista e sou da «berraz»;  
Vim p'rás fileiras da RAF  
E «entel praça na guerra,

Assim parece cantar-nos a guitarra que, ao despedir-se do companheiro — o actual Flying Officer George Robertson, que de Portugal abalou um dia para, como piloto da RAF, em que se alistou, vir cumprir o seu dever.

Agora, nas horas vagas, tôdas as «meses» das bases da RAF por onde tem passado, enquanto uns se distraem a ouvir as últimas criações de música de dança exportadas pela América, as mais modernas canções de amor inglesas, ou os discos que um ou outro agarrou à pressa antes de ter fugido das garras nazis estendidas sobre as sua pátrias — Polónia Checoslovaquia, França Hoilanda, etc. — George Robertson, que é um apaixonado cultivador da chamada «Canção Nacional», faz trinar uma guitarra

*(Continua na pág. 30)*



# A GRANDE AMÉRICA



Os Estados Unidos estão bem defendidos. A bordo de um guarda-costas americano, cuja tripulação vai inspecionar um navio suspeito. Este marinheiro, tem uma metralhadora portátil, máscara, óculos e um fato impermeável



O triste destino dos tanks japoneses. Soldados australianos passam vitoriosos ao lado de dois blindados inimigos postos fora de combate



Hawaii é invulnerável. Uma cortina de balões cobre um aeródromo, conjuntamente com unidades anti-aéreas e outras defesas



Guadalcanal, campo de derrota dos nipônicos. A infantaria de marinha americana, disparando obuses de 155 milímetros contra o último posto do inimigo



Os últimos a tombar. A areia cobre parte dos corpos destes soldados japoneses, mortos por uma bomba de morteiro dos americanos





# O CAMINHO DO SOL

com fotografias de J. LOBO

*Mais uma semana — e já não serão precisas. O sol doirado do Outão cura sempre*



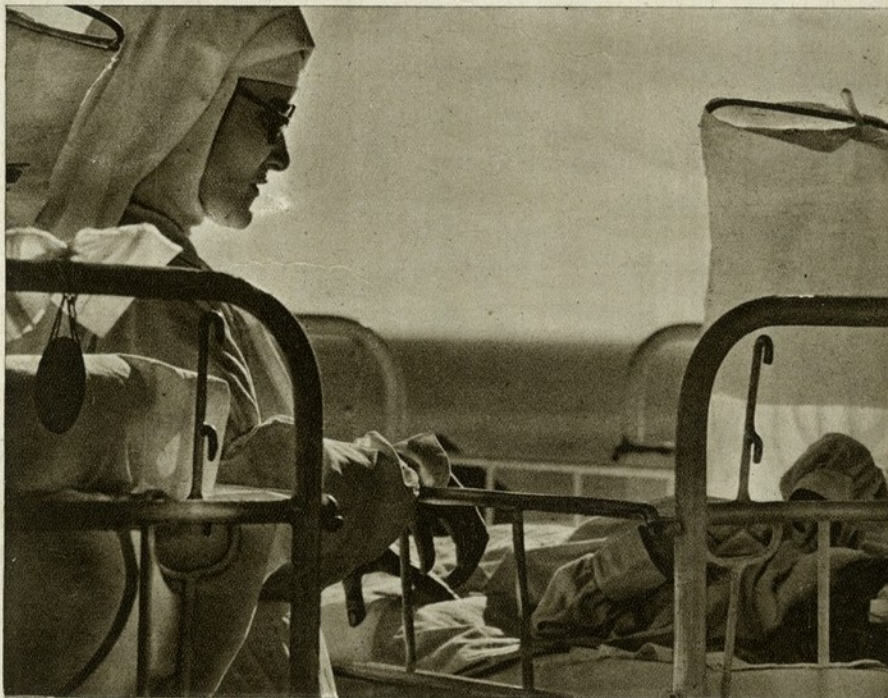
**A**l a vida parece estática, longe do tempo e do mundo. Tudo é branco, as almas e os leitos, onde os doentes esperam e que, todos os dias, carinhosamente, o sol, com as suas mãos de ouro, derrame as suas bênçãos de luz e de calor.

Não é triste este sanatório marítimo, rodeado pela paisagem mais linda do mundo, num verdadeiro paraíso, onde há flores todo o ano, enquanto nos pinheirais bravios, que abrem sôbre as faezias os seus para-sóis verdes, as aves gorgelam tôdas as estações, apaixonadas de harmonia e de ternura.

Por dentro o Outão branco, silencioso, um nadinha adormecido, parece um recolhimento.

Mas é talvez, uma primeira impressão. Não há doentes, porque a doença, o mal de Pott, que deforma os ossos, é mais um estágio de repouso, sob um velário, com a perninha doente, o braço lezo aos raios ultra-violetas do sol, do que a enfermidade aguda, lancinante, da qual se podem esperar surpresas ou desenganos.

O sol all — é o grande médico, que há-de curar todos, a'pequerrucha morena, que brinca com o seu boneco, como o adolescente, de sensibilidade magoada que, lentamente, vai triturando o tempo e sonhando na poesia branda e calma dos longos dias de reverberação solar. No varandim ouvindo o mar,



*O mais belo solário de Portugal. É tudo branco — as almas e os leitos*





*Garridice infantil. Tanto se vê a ela como à sua companheira. Por alguns dias, o seu mundo cabe neste pequeno espelho*

azul ditirâmico, o mesmo de Helade, cuja voz lírica é duma aliciante doçura, os corpos alongados, nos leitos brancos, vão sentindo fluir a vida, reencontrando os seus esquecidos movimentos.

E que lindo ver, os doentinhos, na praia ensaiando, como aves caídas do ninho, os seus primeiros passos, o seu primeiro bater de asas no grande azul do mar e do céu! Brincam com a areia, traçam nela as suas pégadas, escrevem com os deditos róscos, o nome que lhes anda no coração. Por vezes, a vaga, em sorrisos de espuma, desafia-as. Envolvem-as num beijo. Passa um navio ao largo, deixando um rasto de fumo. Elas, então, dizem adeus, agitando os lenços, asas ainda prisioneiras, mas que hão-de libertar-se — evadir-se, e vêr o mundo, que os olhos agora adivinham menos belo do que êle é na realidade.

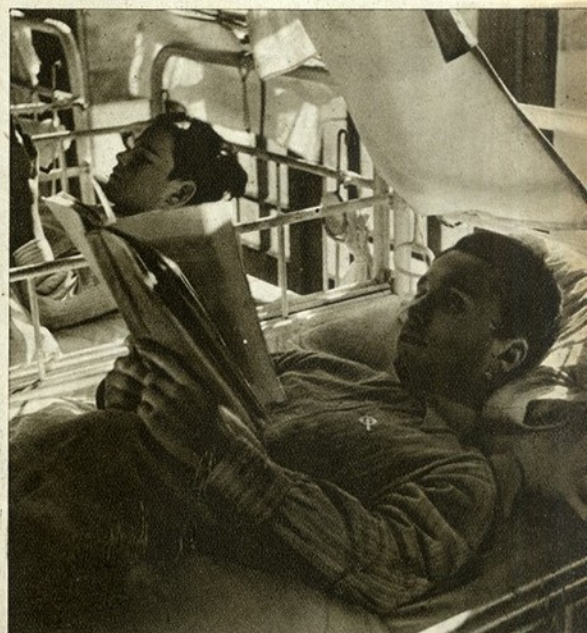
Mais sol! Mais sol, primavera tardia, para que, no Outão, haja mais curas e as almas prisioneiras, possam redimir-se, cantando a alegria de viver!



*Asas brancas. Neste silêncio e nesta aloura imaculada, o sanatório parece um recolhimento*



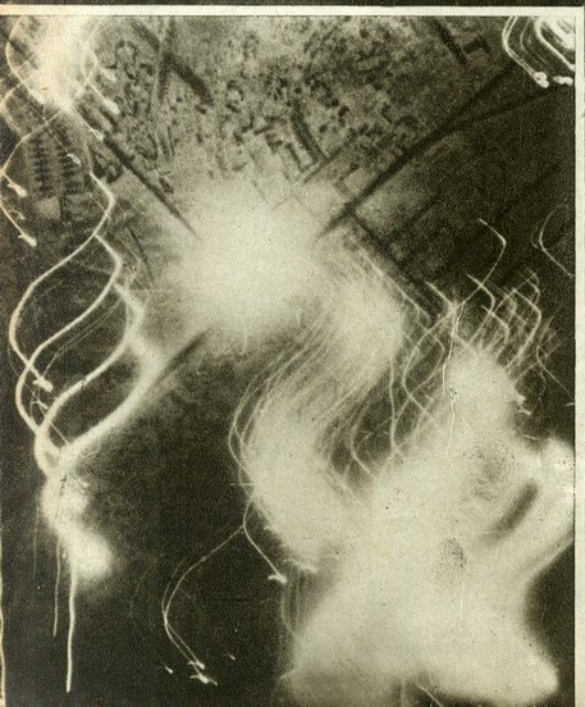
*Estas já podem ir para a praia, onde brincam com a areia, entre os beijos do sol e as caricias do mar*



*A vida continua. É apenas uma suspensão temporária. Um estudante que fez o curso comercial por correspondência*



# BOMBAS SÔBRE A ALEMANHA



Em cima: uma impressionante fotografia de um gigantesco bombardeamento dos aviões "Lancaster" a Hamburgo. Bombas de 2000 e 4000 quilos. Lem como incendiárias caem sôbre a cidade, envolta num mar de fogo. A esquerda: Bombas sôbre Berlim. Um ataque nocturno da R. A. F. que visou especialmente as fábricas Benz. A cidade divisa-se ao clarão dos incêndios, cujas labaredas tem, por vezes, estes caprichosos desenhos.

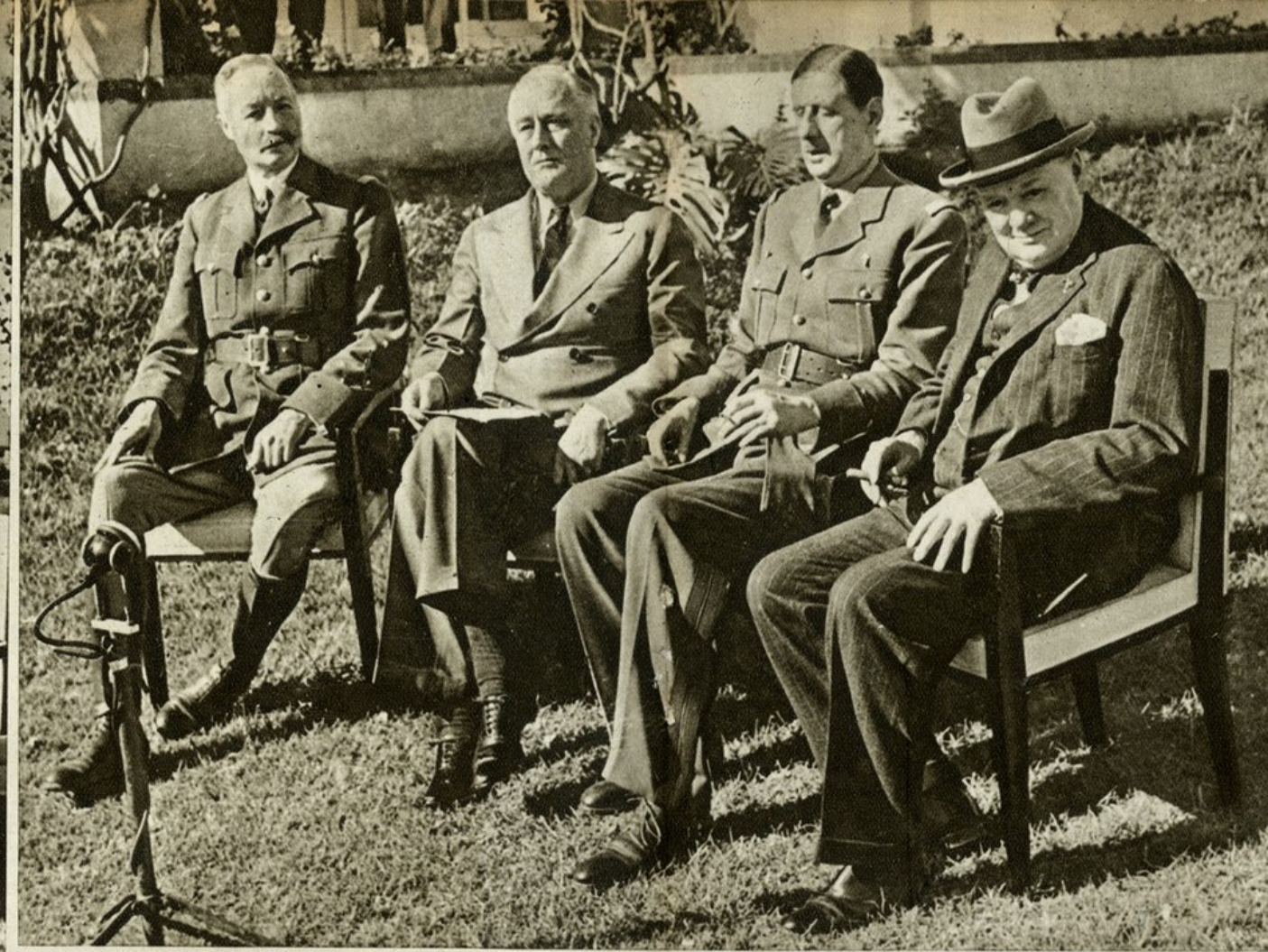
Na página ao lado: em cima, Churchill, na Turquia, com Sarad Jöglu e Ismet Inönü, Presidente da República turca. O sorriso optimista dos três, traduz bem o resultados da importante conferência; ao centro: interrogatório do marechal Paulus, o último da direita, depois de ser feito prisioneiro em Estalinegrado; em baixo: alguns dos generais aprisionados na cidade do Volga: generais Dinitriu, von Daniel, Schleumner e von Drebler e outro oficial superior.







# O ENCONTRO DECISIVO



Roosevelt e Churchill e os generais franceses De Gaulle e Giraud. Um simbolo da força das Nações Unidas. Os dois Presidentes, com os seus estados maiores, estabeleceram os pontos estratégicos fundamentais para a grande ofensiva de 1943



Roosevelt, Churchill e o sultão de Marrocos, depois do banquete na vila Anfa. Vêm-se também, em pé, da esquerda para a direita, Robert Murphy, Harry Hopkins, o filho do Sultão, o general Nogués, dois ministros muçulmanos, o coronel Roosevelt e o comandante McCrea

Um acontecimento transcendente na evolução da guerra. Em Casablanca, Giraud cumprimenta o grande Churchill. Sentado, Roosevelt, o presidente da nobre República americana



Depois da conferência. Um "exército" de jornalistas, muitos deles vindos dos campos de batalha, ouvem as declarações dos dois chefes, que ficarão para a história



O Presidente Roosevelt passa em revista as forças americanas que se encontram em Casablanca



Roosevelt num acampamento militar, com o seu estado maior, comendo o rancho dos seus soldados





*O papel é o de uma rapariga moderna, de gestos decididos, mas em cuja alma brilha a pureza de uma estrêla*

e o público pateou-o. Porquê? Certamente porque o actor tinha um sono diferente da maioria dos espectadores (ressonava ruídosamente, assoviava mais do que é permitido a qualquer paciente que tivesse de suportá-lo, agitava-se — sabe-se lá!) O que é certo é que todos levaram à conta de exagêro, de caricatura grosseira, o que no actor era, pura e simplesmente, natural. Estudando o sono alheio, o comediante colheira dos casos vulgares os gestos úteis que tornavam natural a sua intervenção em cena, quando «dormia» acordado. Desde que dormiu dormindo, que foi natural — falhou.

A verdade de cada um de nós é convencional. Só a verdade da arte é ou pretende ser verdadeira. É a deformação da atitude, do gesto, das inflexões, que dão realidade às cenas. É a deformação intencional das figuras que as humanisa. Assim no teatro, na escultura, na pintura. Que importam os aleijões anatómicos das mulheres

*Esta graciosa garota — a actriz Isabel de Carvalho — improvisou este boneco para estudar umas das suas cenas de teatro*

# A FANTASIA DUMA ACTRIZ

(com fotos de J. Lobo)

**G**ORDON CRAIG, o mestre inconfundível do teatro moderno, escreveu que o actor deve abstrair a lideia de gestos naturais. Deve considerar apenas, acrescentava, gesto útil ou inútil e gesto útil será aquêlo que, no momento oportuno, se torna natural.

Parece incoerente a afirmação do genial actor e encenador inglês. Um exemplo, porém, explica eloquentemente o que, à primeira vista, dir-se-ia paradoxal.

Certo actor francês interpretava numa peça um personagem que dormia durante quási todo o segundo acto. Àquele sono prolongado arrancava, normalmente, fartos aplausos. Uma vez, tendo que sair de Paris, depois do espectáculo, o actor perdeu a noite e voltou, no dia seguinte, pouco antes de subir o pano. Dormiu a «valer» —



*«Marido» e mulher. Estão zangados, mas o amuo deve ser passageiro*





O boneco quasi que fala. A cabeça é uma vassoura coberta com o pano do pô



O papel tem passagens difíceis. E' preciso acertar a expressão



Construindo o «marido ideal» com quem vai contracenar

martirizadas pelos pincéis epilépticos de Toulouse-Lautrec? O que ele pretende é apenas fazer sentir o drama das mulheres que as suas telas colocam perante a sociedade, da mesma maneira que o actor deve buscar na interpretação o drama do seu personagem abandonado à realidade do seu mundo.

Todos nós seríamos actores, se representar fôsse só dizer papéis com naturalidade.

Devem ter dito isto a Isabel de Carvalho, essa actriz-menina saída do Conservatório ainda há pouco. Terá dezasseis, dezassete anos — não mais — que não lhe perguntamos a idade por ser coisa feia mesmo quando uma senhora é ainda menina. Apareceu ao público — era aluna do terceiro ano — no D. Maria, em papel de relêvo no primeiro acto de «Vendaval» Foi uma revelação,

(Continua na página 30)



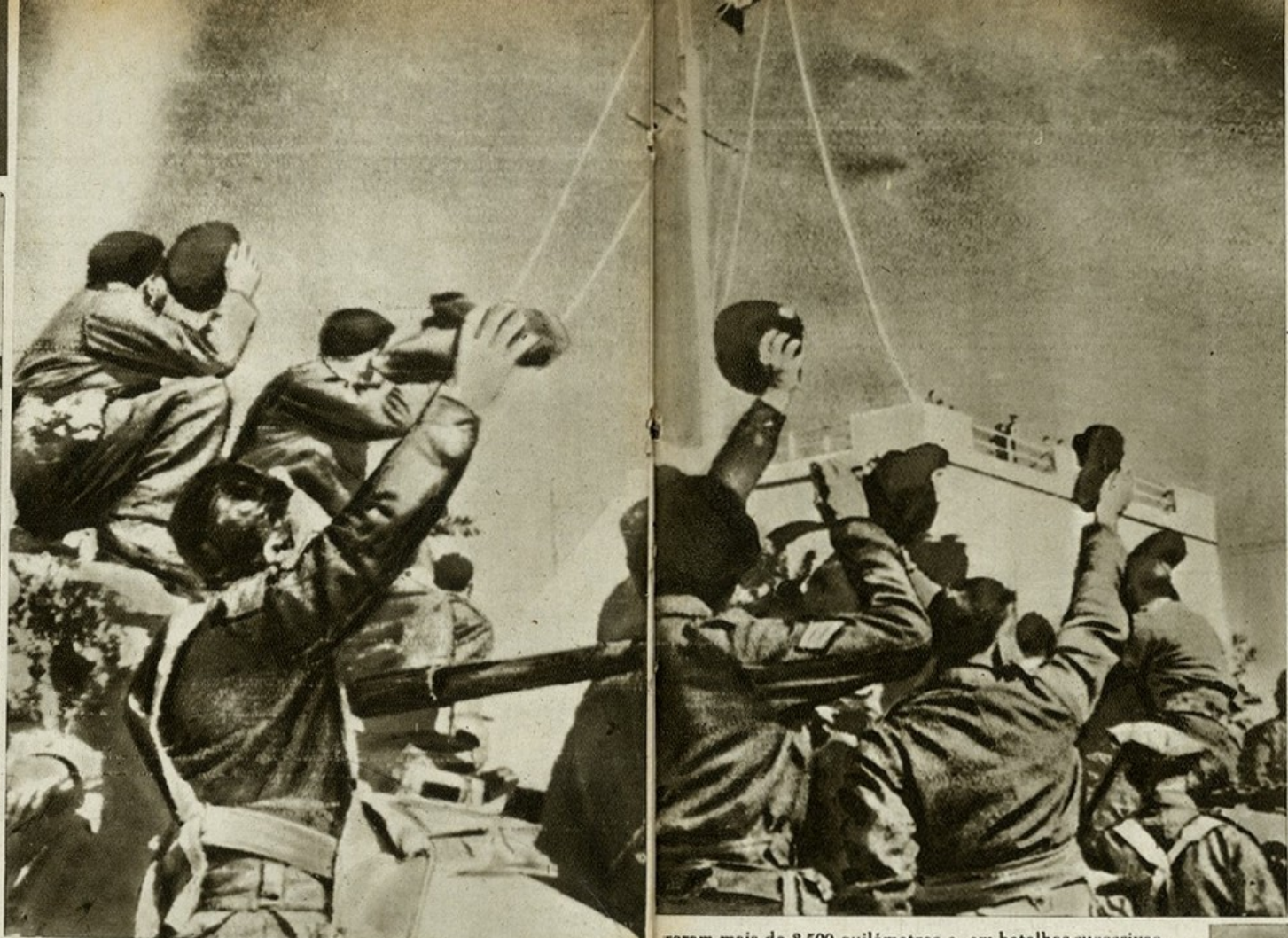
Isto não é do teatro. E' uma indiscrição do fotógrafo



# O FINAL



Os últimos tiros que terminaram a conquista do império italiano, pelas admiráveis forças do 8.º Exército inglês

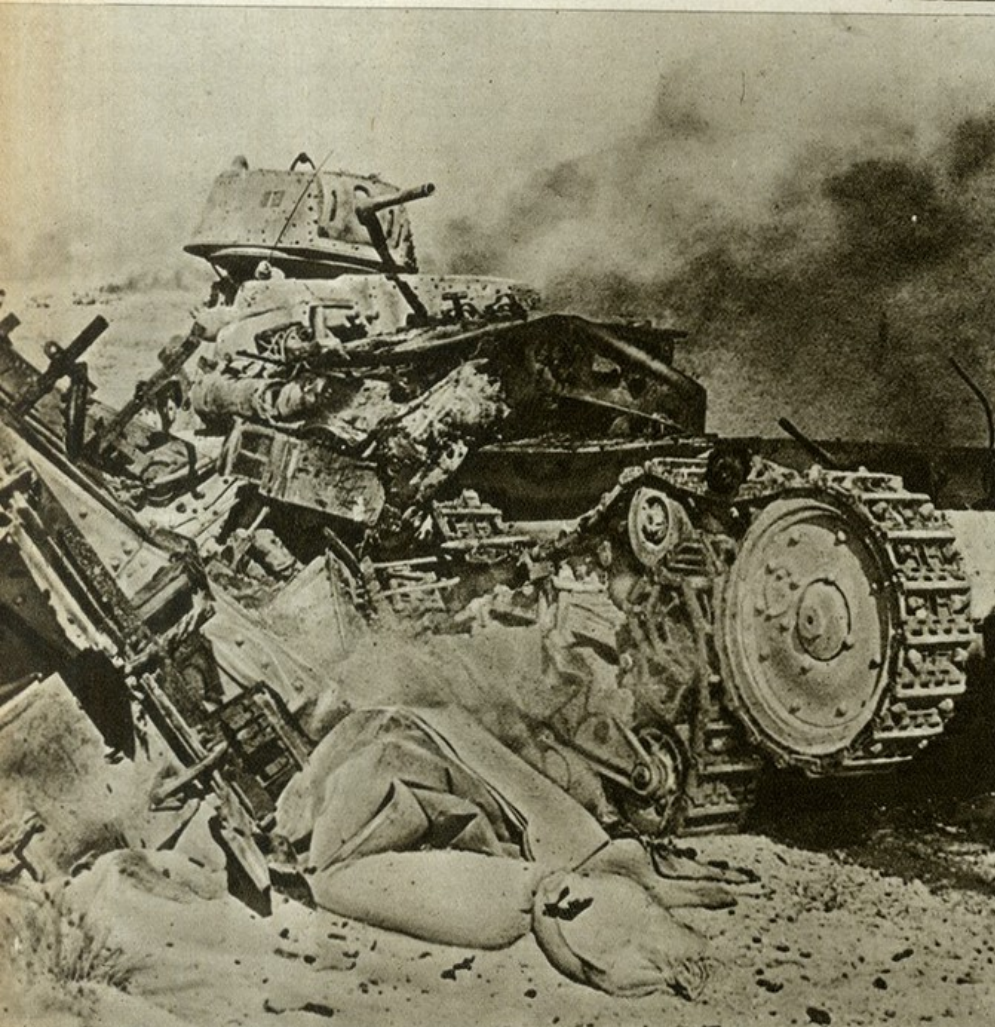


A alegria da vitória. As valentes tropas inglesas, que percorreram mais de 2.500 quilômetros e, em batalhas sucessivas, derrotaram Rommel, aclamam, triunfalmente, a gloriosa bandeira britânica, desfraldada sobre Tripoli

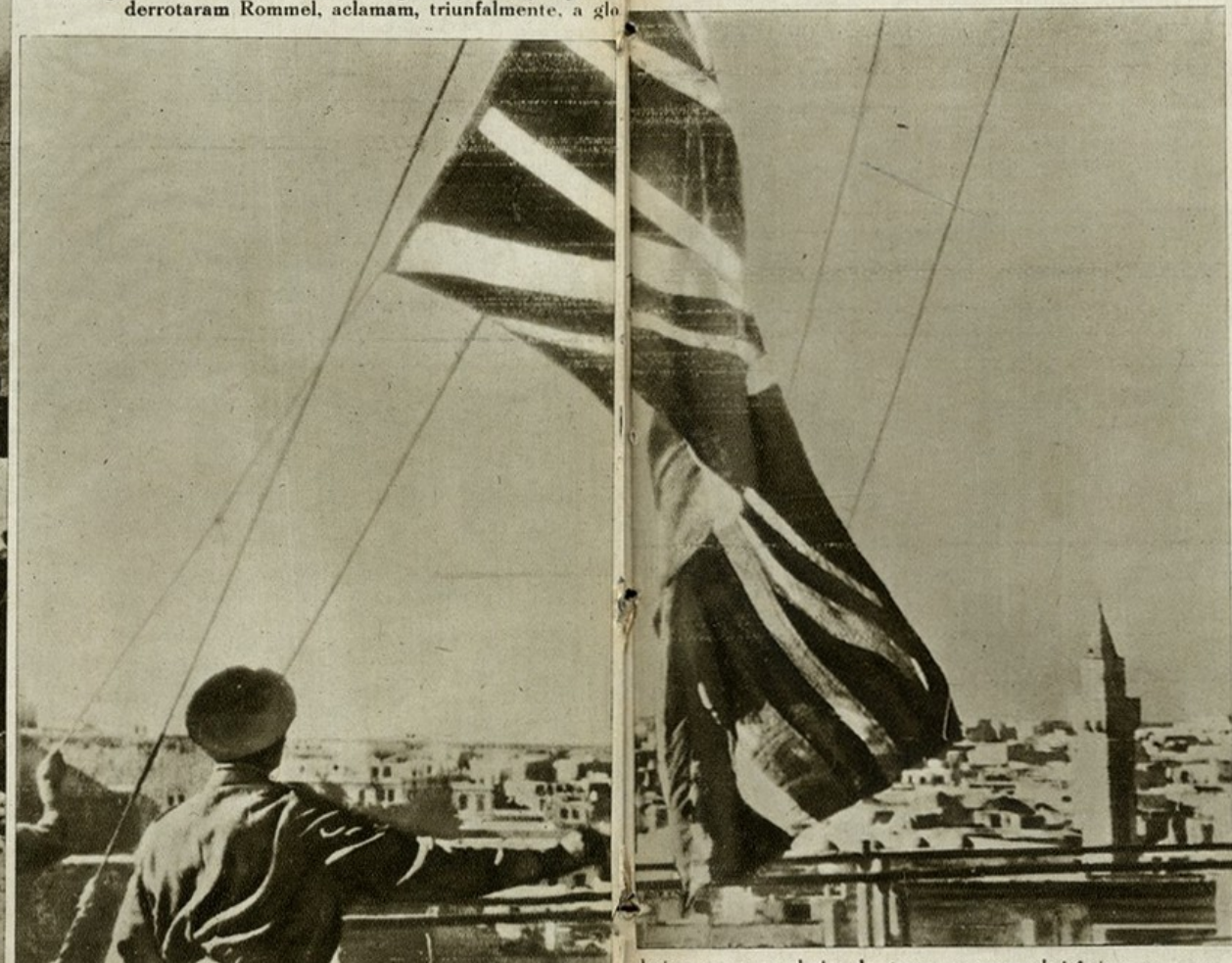
# DA CAMPANHA



A primeira coluna que entrou em Tripoli. Soldados tostados pelo sol e enegrecidos pela metralha. A população arabe aclama-os e os heróis, no alto dos blindados, correspondem sorrindo



Uma imagem impressionante dos milhares de tanks que o exército do general Montgomery destruiu na sua avançada vitoriosa até Tripoli



A entrada do 8.º Exército na capital da Tripolitânia. Em baixo, nas ruas cheias de gente, as tropas britânicas, ao som de tambores, desfilam numa parada de vitória



Os derradeiros tiros de canhão, às portas de Tripoli. Mais uma vez a estratégia notável de Montgomery venceu as forças do eixo





*Acabou a sessão de desenho de figura. Nem todos estão contentes. Em arte, todos os dias se recomeça*

## "O CIRCULO MARIO AUGUSTO"

**P**OR mais que pretendam industrializar Lisboa, o seu carácter parece-nos difícil de ocultar.

Para tanto nos basta deambular, ao acaso, por qualquer dos seus melancólicos recantos: logo a sua feição romântica nos aparece.

A cidade de mármore e granito, como a impõe a divulgadíssima imagem literária, guarda ainda em alguns dos seus aspectos um gelto poético, não obstante a significação utilitária dos tempos decorrentes.

O acaso — grande criador de imprevistos — levou-nos há dias a «descobrir» num bairro lisboeta um lugar onde alguns espiritos dados ao sonho, ao idealismo, a problemas de arte e a louváveis romantismos, se entregam, sentidamente, a aspirações de beleza.

É que existe neste melancólico burgo, numa estreita rua de simbólico nome — a Fé — um



*Uma figura surge na sombra, depois de ter encarnado uma das mais belas estátuas da arte grega*

agrupamento de artistas plásticos, conscientes do seu valor, das suas intenções e das suas possibilidades criadoras, cujo fim é tão somente... pintar, desenhar, modelar e esculpir.

Claro, que não se trata de um centro frequentado por pessoas com intuitos revolucionários, sob o ponto de vista artístico.

Tampouco pensam em assombrar ninguém com os seus atrevimentos de arte à semelhança do que fizeram Degas e Manet.

Este parêntese parece-nos, todavia, necessário; não vão artistas e sociólogos julgar erradamente a intenção admirável dos componentes do grupo.

Mas ponhamos de parte considerações preliminares que, por longas, podem ser julgadas entediantes, e levantemos o véu do «mistério» que envolve este assunto.

Um grupo de artistas, que professa o senti-



*Tal é o entusiasmo dos pintores do «Círculo Mário Augusto», que até o «café» lhes serve de «atelier» para colher croquis da multidão*





Este pintor desenha a harmonia admirável da Vénus de Milo, no seu imorredouro claro de beleza



Na vivacidade destes rostos reflete-se a alegria espiritual dos personagens de Murger



Num curto intervalo de labor, trocam-se impressões de arte e tôdas as audácias de crítica e concepção são permitidas

mento nobre de admirar, lembrou-se, e muito bem, de perpetuar a memória de um grande pintor contemporâneo há pouco falecido.

Instalaram uma «Academia» a que puseram, carinhosamente, o nome saúdoso de Mário Augusto.

E como são pobres e idealistas e admiravelmente românticos, não puderam, por isso, instalar a sede do «Círculo Mário Augusto» num suntuoso palácio; ergueram os seus anseios até uma água furtada.

É simples a ideia da criação do «Círculo Mário Augusto»: António Antunes, desenhista de mérito, e o pintor Fortunato Anjos, lembraram um dia a ideia. Logo outros artistas a secundaram fervorosamente. E daí à realidade foi um passo. Depois, outros valores acarinham a ideia: Conceição e Silva, que foi mestre de Mário Augusto; Eduardo Lapa, Marlo Mercedes, Maria Fernandes, Américo Taborda, Manuel Tavares, Guilherme Morgado, Gomes Fernandes, etc.

E todos contribuem com entusiasmo para o engrandecimento do «Círculo», onde não há dependências de mestranças — nem sugestões alheias; tampouco ali existem normas impositivas e rígidas de escola.

Um modelo vivo é interpretado de harmonia com a sensibilidade e a apreensibilidade do pintor que o desenha ou do estatuário que o modela.

Mas os artistas do «Círculo Mário Augusto» acalentam outras justas esperanças: uma sede mais ampla, mais adequada, onde se possam realizar conferências e exposições; e pensam, também, na publicação de uma revista de arte, que seria como que um registo das suas actividades artísticas.





# UMA EXPOSIÇÃO NO S. P. N.

No S. P. N. inaugurou-se, há dias, uma notável exposição de desenhos de guerra do grande artista Topolski, que há muitos anos vive em Inglaterra. Ilustrador das obras de Benard Shaw e das melhores revistas inglesas, o ilustre artista evocou admiravelmente o heroísmo de Londres, naqueles dias que assombraram o mundo, quando a R. A. F. derrotou a Luftwaffe, na maior batalha aérea desta guerra. Nesta página reproduzimos alguns dos seus trabalhos, que ficarão como um dos mais empolgantes documentários da história desta guerra.



# ESTALINEGRADO



O balanço de uma batalha. O 6.º exército alemão, com um efectivo de 330 mil homens, foi derrotado na cidade do Volga. O marechal Paulus e quinze generais alemães e romenos, bem como centenas de milhares de homens, foram aprisionados





de AURORA JARDIM

## Detalhes que fazem moda

- O botão da chamisette (frente e punhos) igual ao clipe da orelha.
- O alfinete-talismã de hoje é o mapa da América do Norte com um coração em forma de cadeado preso por uma argolinha. Em relevo, as letras: U. S. A.
- Meias de tôdas as côres.
- Sacas muito compridas e baixinhas. Pendurado o cartão, metido naquele estôjo de couro que se usa para as maletas de viagem.
- Guarnição para chapéu: para-quedas metálico.
- Fita para marcação de leitura terminada por um círculo com as iniciais em metal.
- Ancora de prata para a lapela.
- Tafetã para saias de baixo. Na beira um fôlho plissado.
- Uma fivela presa em liga elástica. Coloca-se no pé e serve para vários sapatos decotados. Como é de pedras adapta-se a tôdas as côres.
- Bâton preso a um espelho redondo. Na base do bâton está o pô que se aplica com a borla existente dentro da saquinha de camurça onde tudo se guarda.
- Joia moderna: duas asas formando o V da vitória. Ouro, esmalte e diamantes.
- Tecido às pintas, sendo estas rebordadas em redor.
- O fez turco mudou agora de aspecto: tem cinco ou seis filas de cordão dourado, da base para cima. Põe-se um pouco para trás, ficando muito bem às raparigas.



Os primeiros vestidos da Primavera

### SABE?

Savez-vous planter de choux?  
Perdão, não é choux, é clous: pregos.

Caixa de ferramenta — Deve estar à mão e sempre no mesmo sítio. As lâminas, untadas com óleo.

Os alicates — É bom ter vários mais pequenos e maiores, segundo as necessidades, desde o que corta o arame dos chapéus à cabeça do rebarbativo prego.

O martelo — Não se fez precisamente para bater nas cabeças dos dedos. Também serve para pôr ou tirar pregos. Deve haver dois; um valente e outro pêso-pluma. Atenção: nunca pegue num martelo perto da cabeça, mas sim na extremidade do cabo. O indicador por baixo. Na direcção do polegar é que baterá.

Chave inglesa — É uma coisa que nunca aparece quando é precisa. Mas serve para apertar e desatarrachar parafusos. Não hesite na directriz do movimento que é como o de relógio: atarrachar, da esquerda para a direita. E vice-versa. (Isto de vice-versa tem duas vantagens: evita repetição de palavras e é elegante se bem que pre-histórico). A chave da bicicleta, com oito buracos, serve para tudo e é barata.

Tenaz — Também pode servir para arrancar os pregos. Cuidado, não estrague o papel da parede: coloque por baixo da tenaz um quadradinho de madeira ou de cartão. Bem direito, senão descarrila para o lado e faz derrapar a cabeça do prego.

Tesoura — Quasi que não tem utilidade numa caixa de ferramenta, mas serve para se não estragar a boa, a da costura, na primeira tentativa que se faz, julgando que ela vai prestar grandes serviços.

Verruma — Os quadros precisam dum piton para por êle passar o cordel ou o arame. Necessita duma verruma para êste efeito. Tenha duas: comece com a mais fina e acabe com a mais grossa. (Verruma sugere outra idéia — rrr... rrr... resingão — mas isso seria outra história, como dizia Kipling).

Tudo isto é imprescindível numa caixa de ferramenta e a caixa da ferramenta numa casa.

Portanto, já sabe: se quiser pregar um prego — chame o carpinteiro.



Dois elegantes «tailleurs»

## CASA QUEY

HOSIERY SPÉCIALITS

OUT SIZES

MAISON FRANÇAISE  
RUA SERPA PINTO, 18



# ONTEM E HOJE



## ARTE E CONTRABANDO

**JOSÉ** Carlos dos Santos, pai do professor ilustre e cultíssimo homem de teatro que é Carlos Santos, foi na sua época a maior figura da cena portuguesa.

Santos Pitorra, como era apodado carinhosamente, tinha por hábito dar de quando em quando uma saltada a Paris.

Dali trazia ensinamentos, sugestões; apreendia o espirito da arte francesa patenteada na literatura, no teatro; colhia pormenores de interesse intelectual, inovações cenográficas, etc.

Ora José Carlos dos Santos não possuía apenas aquela paixão; nem de Paris se limitava a trazer estímulos de arte; trazia igualmente objectos que, embora artísticos, eram considerados, pelo critério impositivo do fisco, contrabando.

Sucedeu que uma das vezes que Santos Pitorra regressava a Lisboa, vindo de Paris, chegava também no mesmo comboio um príncipe oriental.

O Paço, atendendo à categoria da principessa pessoa, ordenou a ida para a estação de um camarista incumbido da missão de receber e prestar tôdas as honras e facilidades devidas a tão alta figura.

Quando o comboio chegou à estação, o enviado do Paço vendo Santos Pitorra sair da carruagem, observou-o prescudadoramente; e teria dito de si para si: «É ele... Aquela elegância de vestuário... seu ar de príncipe de longínquo país... sua tez morena... a farta cabeleira negra e ondulada... Não pode ser outro!...» concluiu. E aproximando-se do comediante, inquiriu:

— Vous est le Prince ?

E, logo, Santos Pitorra:

— Oui, Monsieur; je suis le Prince...

O resto é fácil de adivinhar: tôdas as facilidades e honorarias lhe foram dispensadas.

Santos Pitorra, cumulado de atenções, seguiu para sua casa em carruagem real, com as malas repletas de petits cadeaux — livrando-se, assim, desta vez, das impertinências aduaneiras.

## CANCIONEIRO CHINÊS

No coração da Noite em que se lança,  
A Lua branca e pálida vacila,  
Como num leito azul onde descansa  
Amorosa e tranqüila...

Sobre o lago feliz e transparente,  
Como um bafejo preguiçoso e brando,  
Passa e repassa a viração dormente  
Pelas águas cantando...

Que divina harmonia, esta divina,  
Esta sublime, eterna conjugação  
De tudo quanto a Natureza inclina  
A uma íntima união!

Mas as coisas que foram consagra-  
[Das  
Para os sonhos de Amor, para os  
[revezes,  
Quási sempre se encontram separa-  
[Das,  
É unem-se raras vezes!...

ANTÓNIO FEIJÓ

## “Corpo e Alma”

romance de Manuel de Campos Pereira

**MANUEL** de Campos Pereira publicou um novo romance — «Corpo e Alma» — e deu à estampa a segunda edição de «Gêmeas».

Quando, por vezes, a mandriça é tida, falsamente, por manifestação de talento, a actividade literária de Campos Pereira é agredável sintoma que nos apraz registar. De livro para livro, este romancista evidencia a sua personalidade. Os seus progressos são evidentes — poderíamos acrescentar, notáveis.

O desenho moral das personagens, quanto a nós a maior dificuldade no romance, é dado perfeitamente na intenção persecutadora da sua prosa. Esta particular virtude, só por si, impõe um escritor. Está neste caso Manuel de Campos Pereira.

O seu merecido triunfo conseguiu-o êle mercê dos seus próprios méritos, e não por favor alheio.

Pois o escritor viveu sempre estranho a rodas elogiativas e ignorou, por decôr próprio, certos despeitozinhos de críticos aziumentos.



## O Génio e a idade

**TODOS** sabemos que em várias épocas existiram crianças prodigiosas.

O número de pequenos consagrados por seus labores intelectuais nunca foi, porém, de assombrar!...

Onde estão os que, como Mozart, compõem valzas aos 11 anos, escrevem, como Vitor Hugo, aos 16 anos, «Les destins de la Vendée». Tampouco, ou à semelhança de Castro Alves, ao alvorecer da juventude, nos podem dar admiráveis poemas?

Bernard Shaw, talvez por que é octogénario, ocupando-se um dia de obras-primas e da idade dos seus autores, escreveu que os homens precisavam de viver trezentos anos para poder criar alguma coisa de geito. Pois antes de alcançarem aquela avançada idade aqueles assemelham-se a crianças, que tomam muito a sério o que fazem.

Apesar desta opinião de Shaw, não raras pessoas obscuras, entre as quais nos permitimos honrosamente incluir, crêm que quanto mais anos os homens viverem maior será o número dos seus dislates.

## Boa intenção...

**UM** grande jornalista de quem fomos amigo, esteve durante uns anos chefiando a redacção de um vespertino, que já deixou de existir.

Certa madrugada chegou ao jornal um comunicado de uma agência que anunciava um facto de grande interesse mundial.

O referido chefe tomou conhecimento do sensacional telegrama, chamou um redactor que havia entrado dias antes para o diário e recomendou-lhe: «arran-

je-me bem êste telegrama». E não pensou mais no assunto.

Na manhã seguinte recebe o periódico e, com grande espanto, não vê a noticia sensacional. Que seria, que não seria...

À noite, quando o novato chegou à redacção, increpou-o: «Seu burro... que fez você ao telegrama?»

— O sr. fulano... não merece a pena zangar-se... O telegrama está aqui na minha algibeira... Como se tratava de um caso de muita responsabilidade levei-o para casa a fim de arranjar a noticia muito bem arranjadinha...

— Pois arranjou-a bonita... seu idiota!

## Filosofia e humorismo

**OS** filósofos, que são, aliás, pessoas iguais às que não filosofam, têm, por vezes, actos hilariantes.

É por isso, talvez, que muitas pessoas pouco inclinadas a filosofias, tomam quási sempre um ar de mazombice em face de problemas de espirito.

Não é raro ouvir-se dizer a alguns «pensadores», a propósito de Filosofia, que esta «coisa» é boa para malucos!...

Platão e Diógenes ocuparam-se da Filosofia como «coisa» séria; todavia, sem abandonar as suas meditações, riram, também, dos seus próprios conceitos.

Contam os biógrafos daqueles dois filósofos êste episódio que, de engraçado que é, até parece de despreocupado mortal dado a zombarias.

Como Platão tivesse uma vez afirmado no Cenáculo, entre outros princípios humanos, que o homem era um bipede impiume, Diógenes levou-lhe no dia seguinte a casa um galo depenado. E, colocando-o aos pés do seu contraditor, exclamou:

— Eis aqui o teu homem!...



Não têm razão as poucas pessoas que pretendem negar o interesse do cidadão pela leitura. A demonstrar o contrário, está aqui a prova... Numa praça lisboeta, esta biblioteca «ambulante», é acessível a todos os leitores. Os garotos, em lugar de se entreterem a jogar a «bola», fazendo do rasto de quem passa baliza, estão diante desta exposição de revistas e jornais a fazer, possivelmente, considerações sobre jornalismo e literatura...

Augusto Ricardo



# O RAPAZ DO MURO

NOVELA

DE GUEDES DE AMORIM

CERTA manhã, como estivesse a chover muito, Maria Guiomar cortou por aquela travessa, para chegar mais depressa à Faculdade. Desde então, nunca mais deixou de trilhar o mesmo caminho. Era certo que, desviando por ali, perdia o prazer de ver, de lá de cima, através das árvores do jardim, o rio que corria ao longe. Não se importava, porém. Ao fundo da travessa, na curva que dava para a rua, tinha ela agora a excelente amizade que lhe dava imensa alegria encontrar na ida e na vinda das aulas.

Era um rapazito de dez, onze anos. Naquela chuvosa manhã, caminhava tão depressa, tão depressa, que não teria reparado nele, se um fiozinho de voz inquieto não lhe ouvisse entrado pelos ouvidos: «Vá depressinha, corra minha senhora, senão molha-se...» Então, levantou os olhos de fugida e viu, no muro em frente, debaixo dum esburacado chapéu de chuva, o busto de um rapazito. Horas depois, de volta a casa, passou pela mesma travessa, já esquecida do miúdo. Porém a mesma voz interrogou: «Então, molhou-se muito, minha senhora?» Maria Guiomar, agradecida, achou graça ao interesse do rapazinho. Debruçou no muro, o pequeno sorria-lhe. Perguntou-lhe como se chamava. — «Gilberto, minha senhora».

Tornaram-se bons amigos. Gilberto era aleijado das pernas, desde a nascença. A mãe, uma pobre viuva, a quem a necessidade de pão fazia trabalhar a dias para a vizinhança, conduzia-o todas as manhãs para ali, colocando-o sobre um calxote, para que ele pudesse debruçar-se no muro. Gilberto enganava a sua vida triste a conversar com quem passava. Também tinha amigos, miúdos da sua idade, seus vizinhos, que nos intervalos da escola, vinham falar com o aleijadito. Ao meio dia, a velhota trazia-lhe qualquer coisa de comer, afigurava-o, carinhosamente, e, depois, voltava ao seu trabalho. O resto do tempo ocupava-o Gilberto a ver e a rever livros de estampas. Com os outros, falava de tudo: «football», cinema, guerra e aventuras. Às vezes, sucedia que os amigos, cansados da conversa, projectavam brincadeiras e correrias. Então, o rapaz do muro ficava só, mais triste, à espera de Guiomar.

— Gostarias de saber ler? — perguntou-lhe ela certa vez.

— Pois gostava, minha senhora — respondeu Gilberto. — Mas, como sou aleijado, não posso ir à escola...

— Bem, mas eu irei a tua casa ensinar-te...

Maria Guiomar cumpriu a promessa. O seu próprio estudo devorava-lhe muito tempo, mas tanto sympathizava com o pequeno tanto se compadecia da sua sorte, que com um pouco de esforço, conseguiu arranjar uma hora por dia para dedicar-lhe.

A casa de Gilberto, com duas quadras apenas, era escura e mal cheirosa. A miséria e a melancolia davam-se ali as mãos, escurriam das paredes, atapetavam o soalho. Gilberto aprendia com extraordinária facilidade. Prestava muita atenção e tinha boa memória. No final das lições, professora e aluno ficavam alguns minu-



De semana para semana, Gilberto manifestava cada vez melhor aproveitamento.

tos a conversar. O aleijadito, sedento de curiosidade, queria saber tudo.

— A senhora D. Guiomar não é de Lisboa? — perguntou certa vez.

— Não, sou de Lagos.

— Onde fica isso?

— No Algarve, à beira do mar...

— Ah! — e Gilberto levantou a cabeça, atirando um olhar triste e pensativo.

— Nunca viste o mar?

— Nunca! Nunca! — e, subitamente acometido de soluços, o pequeno debulhou-se em lágrimas.

— Bem, Não chores, Gilberto. Quando souberes ler e escrever, irás comigo ver o mar. — E, como o aluno continuasse a desfazer-se em pranto, Maria Guiomar acrescentou, levantando-lhe o rosto: — Irás comigo, num automóvel.

— Jura? — perguntou o miúdo com um sorriso a inundar-lhe a cara molhada de lágrimas.

— Juro.

De semana para semana, Gilberto manifestava cada vez melhor aproveitamento. Maria Guiomar estava mesmo surpreendida com semelhante desabrochar de inteligência. A mãe do aleijadito, enternecida embora com a generosa solicitude da espontânea professora, comentava muitas vezes a sós com o filho:

— Não sei para que te vai servir isso, não sei...

O pequeno, com os olhos banhados de esperança e ambição, respondia:

— Não sabe? E' para eu ler bonitos livros e também para ir ver o mar!...

Gilberto adquiria pouco a pouco enorme alegria. Nas poucas horas que passava agora no muro, a falar com os vizinhos, dizia-lhes que, dentro em breve, saberia também ler como eles. Vivia estremecido de emoções, e, de si para consigo, fazia muitos projectos para o futuro. O seu melhor tempo era o que passava a estudar, na campanha de Maria Guiomar. Um dia, quis saber:

— Quando eu souber ler e escrever, que poderei fazer mais, sem ver o mar?

— Trabalhar. Poderás empregar-te num escritório, ganhas dinheiro.

— Fala sério?

— Pois falo.

Meses volvidos, quando chegaram as férias grandes, já Gilberto sabia ler e escrever sozovelmente.

— Vou amanhã para férias — informou

Guiomar. — Porta-te bem e estuda todos os dias, para continuarmos quando eu voltar.

Despediu-se, deu-lhe um beijo, e, ia já a sair, quando ouviu o pequeno perguntar-lhe:

— Então não me leva consigo, para ver o mar?

— Depois. Para o ano. Quando souberes melhor...

— Está bem. — E Gilberto, reprimindo as lágrimas, ficou muito triste.

Maria Guiomar passou esses três meses de férias entretida. Os seus estudos corriam-lhe bem e, dentro de dois anos, se não surgisse qualquer tração do destino poderia licenciar-se. Também os seus amores deslizavam num promissor caminho de rosas. Rui Manuel, seu noivo que estava em Africa, escrevia regularmente, cada vez mais afectuoso, prometendo voltar, para matrimoniar-se, logo que ela terminasse o curso de Letras.

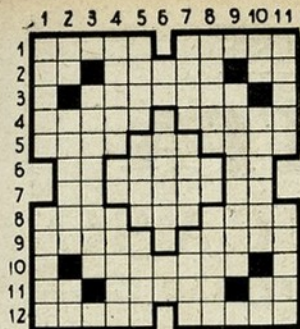
Os dias foram correndo. Maria Guiomar considerava-se uma rapariga bafejada pela facilidade. Frequentes vezes pensava em Gilberto, com saudade. Rui Manuel e o aleijadito haviam-se tornado os seus grandes e verdadeiros amores. Orfã, vivendo em casa de um tio paterno, seu tutor, só estava contente quando se encontrava isolada ou a pensar no noivo ou no seu protegido.

Na última semana de férias, recebeu um telegrama que a prostrou: — «Não esperes por mim. Acabo de me casar. Perdoa-me... — Rui Manuel». Escondeu do tio e do resto da família a sua tragédia. Longe, de novo em Lisboa, teria tempo, de afogar em lágrimas a sua dor.

Quando regressou, a sua primeira visita foi para Gilberto. Encontrou, apenas, a mãe, mais magra e mais entristecida. «O meu Gilberto morreu», disse-lhe a mulherzinha. Foi buscar uma carta, que entregou a Maria Guiomar: Um dia antes de morrer, escreveu esta carta para a senhora. Maria Guiomar, sem querer acreditar no que ouvia, abriu a carta e leu: — «Gostava muito de ver o mar e gosto muito da senhora. Beijo-a de todo o coração. — Gilberto».

Maria Guiomar voltou à rua, cambaleante, a cabeça entontecida de sofrimento. O destino tinha sido implacável para o seu coração. O destino tinha-lhe roubado os seus dois grandes amores.





PROBLEMA N.º 57

HORIZONTAIS

- 1—Corte de ferro, para comunicação de mares—Ampla.
- 2—Pertences—Pequeno povoado—Nome antigo da actual nota musical «do».
- 3—APELLIDO DO SUB-SECRETÁRIO DO «FOREIGN OFFICE», QUE ACOMPANHOU CHURCHILL NA SUA RECENTE VIAGEM A CASABLANCA.
- 4—Tomo apontamento—Limpo com arêa ou outro pó.
- 5—Alimento que, segundo a Bíblia, Deus mandou aos hebreus no deserto—Acima!—Faculte.
- 6—Símbolo químico do «estanho»—Abertara por onde os mastros de um navio vão assentar na carlinga—Acha graça.
- 7—Suspenda!—Que participa de duas coisas—Prefixo latino que designa direcção.
- 8—Cercadura—Preposição—Uma das cinco partes do Mundo.
- 9—Variedade de couve, que serve de forragem no inverno e cuja semente produz um óleo—Círculos de ferro ou de madeira.
- 10—Região da África Equatorial, a O. do Baixo Níger, na colónia inglesa de Lagos.

- 11—Igreja episcopal—Conquistai—Preposição e artigo.
- 12—Um dos naipes das cartas de jogar—Ordenar, obrigando a ser obedecido.

VERTICAIS

- 1—Transfiram o direito ou a posse de—Desaparecimento do Sol no horizonte.
- 2—Indivíduo de grande notoriedade no seu meio—Fita estreita de algodão—Pronome pessoal.
- 3—APELLIDO DO PRESIDENTE DA COMISSÃO DOS NEGÓCIOS ESTRANGEIROS DO SENADO AMERICANO.
- 4—Cumprê—Preposição—Gás simples contido no ar atmosférico na proporção de 79%, impróprio para a respiração e para a combustão.
- 5—Face—Juntava—Argolas.
- 6—Livro de poesias de António Nobre—Ajuste entre pessoas que afirmam opiniões diferentes—Algarismo.
- 7—Grande onda—Habilidade—Estimai.
- 8—Içara—Preposição e artigo—Tecido grosseiro que se trazia por luto.
- 9—Um dos Estados Unidos da América do Norte em que a capital é Omaha.
- 10—Pronome pessoal—Metal branco muito duro e frável, que se encontra em certos minérios de platina—Laço.
- 11—Abala com estrondo—Torrar no fogo.



Solução do problema n. 56



Depois do desembarque em Guadalcanar. Um tank americano abre caminho na floresta

# Os fuzileiros americanos

(Continuação da página 2)

e equipamentos. Os transportes e dois destroyers circulavam a área de reunião. Eu tinha descido cedo e já embarcava, quando a primeira força atingiu a praia. No momento de atravessar, com o nosso barco, a linha da partida, uma luz amarela anunciou que o grupo de combate «A» sob o comando do coronel de Hunt, tinha desembarcado. Atingimos terra, mais ou menos às 10 horas, e soubemos que tinha desembarcado sem encontrar resistência. A praia apresentava uma cena de movimento e agitação. As barcas com tanks começavam a desembarcar os monstros de aço. Tratores anfíbios, os «crocódilos», como lhes chamam os fuzileiros, rangiam em terra firme. Os botes despejavam uma onda interminável de marinheiros. Às onze horas, o grupo de combate «B», sob o comando do coronel Cates, desembarcava e reunia-se para o avanço na direcção sudoeste. O tiro intermitente das carabinas marcava o ataque dos fuzileiros. Os bombardeiros japoneses atacaram os nossos navios sem, contudo, conseguirem atingir qualquer deles. Muitos dos aviões foram derubados. Hora e meia depois voltavam à carga, desta vez com aviões de mergulho. Destruíramos mais dois aviões japoneses. No dia seguinte, os fuzileiros, em Guadalcanal fizeram uma penetração em direcção a oeste com o objectivo de se apoderarem do extenso campo de aviação recentemente construído pelo inimigo, e ocupar e guarnecer a zona que circunda Lunga Point. Os grupos de combate «A» e «B» completaram a operação, sem encontrar resistência até alcançar Kukum. Ai, no sul da área já ocupada, foram recebidos por metralhadores japoneses emboscados. O ponto foi, porém, rapidamente limpo.

Tornou-se evidente, ao findar do dia, que as forças japonesas de Lunga tinham retirado para as montanhas, quando as forças americanas desencadearam a ofensiva. Ao penetrarmos nos seus acampamentos, encontramos sinais evidentes de fuga precipitada. Ainda se viam alimentos por cima das mesas e objectos de uso pessoal espathados a esmo. Equipamento precioso abandonado, intacto. Munições, metralhadoras pesadas, artilharia, ferramentas, utensílios, aparelhos de rádio, caminhões, automóveis, refrigeradores, cilindros compressores de estradas, máquinas geradoras de electricidade, tudo foi encontrado tal como os japoneses o utilizavam. Os poucos danos observados tinham sido causados pelas nossas metralhadoras e canhões. Um excelente aeroporto com uma pista de mais de um quilómetro, já terminada, carecia apenas de pequenos acabamentos para ser utilizado.

Os nossos camaradas tinham travado um combate encarniçado em Tulagi. As tropas japonesas, aí aquarteladas, bem entrincheiradas e bem armadas, resistiram nas casamatas. O general William Rupertus, sub-comandante de nossas forças e que dirigia as operações naquele sector, descreveu essa batalha como um dos mais transcendentes feitos de armas de nossa história. Coube a uma companhia, sob as ordens do capitão Crane, a honra de ser a primeira força da ofensiva americana do Pacífico a desembarcar. Foi na parte ocidental de um promontório da ilha de Flórida, sentinela avançada de Tulagi, que era assaltada meia hora depois. Não se encontrou resistência no ponto de desembarque mas ao findar o dia as forças do capitão Crane tiveram que se empenhar em terrível combate.

O desembarque constituiu surpresa para os japoneses, que não ofereceram combate.



## CREMES PARA DE DIA E PARA DE NOITE



Academia Científica de Beleza

AVEN. DA LIREDADE, 35  
TELEF. 1866 — LISBOA

Os produtos de beleza

# Rainha da Hungria

PARA PELES NORMAIS, EMBELEZAM, REJUVENESCEM E ETERNIZAM A MOCIDADE

SALÕES DE ESTÉTICA E DE TRATAMENTOS DE BELEZA POR PROCESSOS CIENTÍFICOS



## A FANTASIA DE UMA ACTRIZ

(Continuação da pág. 19)

essa garota exuberante, de que Maria Matos e Assis Pacheco, dois valores do teatro português, fizeram uma actriz com largos horizontes de futuro brilhante.

Se não pudesse julgar-se de audaciosa a afirmação, diríamos que o grande actor é aquêle individuo que tendo desejado percorrer tôdas as escalas da vida, preferiu ficar e, tornando-se comediante, viver com intensidade todos os dramas. Desejar ser e sentir — eis tudo!

Todos nós somos actores quando crianças, naquela fase em que tudo desejamos ser. No dia em que se opta, em que se define um rumo — quantos vezes errado! — acaba o que em nós existe do comediante.

Aqui tem o leitor, nestas duas páginas, Isabel de Carvalho vivendo uma vida que não é a sua, num papel que ela pretende interpretar. Mesmo estudando, ela prefere contracenar seja com quem ou com o que fôr. A falta de melhor, o seu galã é nem mais nem menos do que uma vassoura armada em espantalho. Ela própria o constrói. Basta-lhe o pano do pó, um casaco, uns centímetros de gaita — e pronto. E' o seu galã — todos os personagens da peça, simultaneamente, se necessário fôr. E o boneco tem vida, sente como todos nós, fala-lhe — resposta pronta a tôdas as falas. E a saleta confortável alarga-se,

uma parede cai, e é um palco que fica, dominando uma plateia imensa que a aplaude no final de cada cena.

## UMA GUITARRA NA B. B. C.

(Continuação da pág. 10)

portuguesa (o «banjo» de madeira) como por cá lhe chamam os colegas.

E vá elle para onde fôr, lá vai ela junto da sua bagagem. Foi o que agora aconteceu nuns três dias de licença gosados em Londres, num dos quais elle falou e ela gemeu junto do microfone da B. B. C. para maior saudades da «santa terrinha».

Esta é a história duma guitarra que — quem sabe? — a estas horas já é capaz de saber dizer a qualquer miss, esguia, loira e romântica, em muito bom inglês, embora com o sotaque portuguêsíssimo que o trinar das suas cordas nunca perderá, a conhecida frase «I love you» com que muitos homens têm perdido a liberdade — mesmo nestes tempos em que a liberdade é uma das coisas porque elles tão acirradamente se batem. E daí, talvez não haja qualquer romance na história desta guitarra. Talvez Robertson a utilize apenas para se treinar a cantar o fado que os seus companheiros tanto cantaram durante a Batalha da Gran-Bretanha, e que elle já começou a cantar lá pelas nuvens, glosando este mote que alguém um dia escreveu:

Por detrás nunca te espantes  
Que te ataque homem valente;  
Basta que dês meia volta  
Para o veres bem frente a frente.

Fernando Pessoa

## A CAMPANHA DE LESTE

# A LUTA NO CAUCASO

por CARLOS FERRÃO

**L**ONGE de ter diminuído, é legítimo dizer que o ritmo da campanha de Leste aumentou durante a última quinzena. Nos vários sectores onde a batalha de movimento continua a desenrolar-se a progressão das tropas soviéticas acentuou-se.

O principal episódio que se registou foi a rendição total dos 6.º e 11.º exércitos alemães que combatiam na área de Estalinegrado. O primeiro destes exércitos encontrava-se, praticamente, cercado desde meados de dezembro. Depois dessa data o comando russo enviou ao seu chefe, general Paulus, um ultimatum que não foi aceite. Dos trezentos mil homens que o compunham existiam em fins de janeiro apenas setenta mil. Nos primeiros dias de fevereiro a rendição total dos últimos núcleos do 6.º exército completou-se. Pouco tempo depois o 11.º exército conhecia a mesma sorte. Assim pode afirmar-se que a batalha de Estalinegrado, iniciada em setembro do ano passado, se liquidou por uma vitória das tropas soviéticas. A frente de batalha encontra-se agora a mais de quatrocentos quilómetros daquela importante cidade industrial que, durante cinco meses, foi teatro dos mais rudes combates desta guerra. Em Berlim reconhecem as consequências deste episódio militar, de incontestável importância.

No Cáucaso o avanço soviético acentuou-se ainda. A marcha das operações iniciada em Grosny atingiu as proximidades do litoral do Mar Negro. A costa oriental deste mar, que por sua vez, está sendo teatro de operações desencadeadas a partir de Tuapse, com o objectivo imediato de ocupar o importante porto de Novorossisk. Se este objectivo fôr alcançado a esquadra russa desempenhará um papel ainda mais importante no conjunto das operações.

A progressão convergente das forças soviéticas que operam ao sul do Don e ao norte do Cáucaso é a cidade de Rostov, geralmente considerada como a chave de riquezas que se acumulam na região caucásica. A cidade de Rostov que já foi tomada pelos alemães, reconquistada pelos russos e novamente ocupada pelos alemães prepara-se para ser objecto de uma quarta batalha.

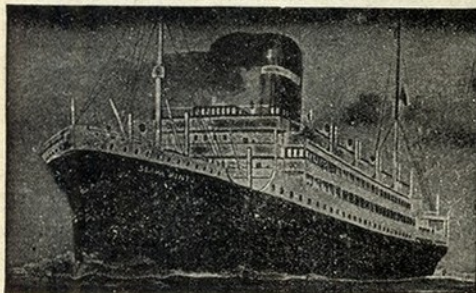
No sector de Voronej os russos alcançaram também vantagens estratégicas e territoriais. Aquela cidade transformou-se num ponto de partida de um duplo e vigoroso ataque orientado para noroeste que alcançou já Kursk e para sudeste em direcção a Karkov.

Karkov como foi Kursk, é um pilar de importância vital para a Wehrmacht.

## OS PAQUETES

DA

## Companhia Colonial de Navegação



O LUXUOSO PAQUETE «SERPÁ PINTO»

ligam a Europa com as Américas do Norte e do Sul e com a África em linhas rápidas

### PAQUETES

«Serpá Pinto» . . . . .	8.267 T.
«Mouzinho» . . . . .	8.374 »
«Colonial» . . . . .	8.309 »
«João Belo» . . . . .	7.540 »
«Guiné» . . . . .	3.200 »

### VAPORES DE CARGA

«Pungue» . . . . .	6.290 T.
«Malange» . . . . .	5.050 »
«Lobito» . . . . .	4.200 »
«Sena» . . . . .	1.420 »

### ESCRITÓRIOS

LISBOA — Rua Instituto Virgílio Machado, 14 (à Rua da Alfândega) — Tel. 2.0051

PORTO — Rua do Infante D. Henrique — Tel. 2.342

## Um dentífrico bactericida



que ao mesmo tempo dá aos dentes um brilho branquíssimo sem prejudicar o esmalte, merece ser preferido. PEBECO oferece estes dois principais requisitos de um dentífrico perfeito. Não é, pois, nenhum exagero dizer-se:

«Como dentífrico verdadeiro, PEBECO é o primeiro.»

# PEBECO

Quereis ganhar dinheiro?  
anunciai no MUNDO GRÁFICO





# B. B. C.

A Voz de Londres fala  
e o mundo acredita

Emissões em Língua Portuguesa

	Hora de Lisboa	24,92 m. (12,04 mc/s)
10,45 — Noticiário	{	19,76 m. (15,18 mc/s)
		13,86 m. (21,64 mc/s)
		24,92 m. (12,04 mc/s)
12,15 — Noticiário e Actualidades	{	19,76 m. (15,18 mc/s)
		13,86 m. (21,64 mc/s)
		41,75 m. ( 7,18 mc/s)
21,00 — Noticiário e Actualidades	{	42,11 m. ( 7,13 mc/s)
		31,75 m. ( 9,45 mc/s)
		30,96 m. ( 9,69 mc/s)
		261,1 m. (1,149 kc/s)
		1.500,00 m. ( 200 kc/s)



# MUNDO GRÁFICO



A conferência  
da rendição  
incondicional  
do inimigo

—  
Roosevelt  
e Churchill  
com os generais  
De Gaulle e Giraud  
em Casablanca